

O ACU

Sérgio Weber

Resumo: *É este o estudo de um recanto na metrópole de São Paulo antes conhecido como Acu.*

Abstract: *This is a search about Acu, a very little region into the metropolitan São Paulo.*

INTRODUÇÃO

Os bairros se apresentam como um agregado de vários recantos os quais, via de regra, diferem em sua topografia ou, ao menos, em sua maneira de participar no todo, escrevendo histórias diferentes.

O passado de um bairro se descreve com a descoberta destas diferentes histórias.

A Câmara da Vila de São Paulo, em 9 de janeiro de 1651, concedeu ao morador Gago Cunha terras entre o ribeiro Hyacuba e o ribeirão Anhangabaú, local este identificado nestes tempos como Guacuba, Iacum-guaçu e, depois, como simplesmente Acu.

O Iacuba nascia no atual Largo do Paissandu e engrossava suas águas com outras nascentes locais. Em sua descida para o Anhangabaú, banhava a Ladeira de Santa Ifigênia, cortando a Rua Alegre, atual Rua Brigadeiro Tobias. Para a regularização do arruamento local, sua canalização foi completada somente no fim do século 19.

Esta gleba, atualmente dentro do distrito da República, outrora denominada de Acu, fica delimitada conforme a planta de localização apresentada pela Fig. 1, adiante, com base nas menções da historiografia atinente.

Em termos atuais, podemos considerá-la como circunscrita por Avenida São João, Avenida Ipiranga, Rua Beneficência Portuguesa, pelo Largo de São Bento, Rua de São Bento e Avenida São João novamente, como componente do bairro de Santa Ifigênia.

Duas chácaras, ao menos, nesta delimitação, uma vez loteadas, compuseram parte da urbanização local. A do brigadeiro Tobias de Aguiar fez surgir o acesso pela Ladeira e o Largo de Santa Ifigênia, a Rua da Conceição, hoje Avenida Cásper Líbero e parte da Rua Alegre. A chácara do comendador Luiz Antônio de Souza Barros fez surgir parte da Rua de São João, atual Avenida São João, o Largo Paissandu, bem como a sua Travessa Paissandu, hoje Rua Capitão Salomão, conforme o Ato nº 2 187 de 27 de setembro de 1923, a Rua do Seminário, antiga Rua Nova do Acu, e a Praça do Correio, onde se situou o Seminário das Educandas.

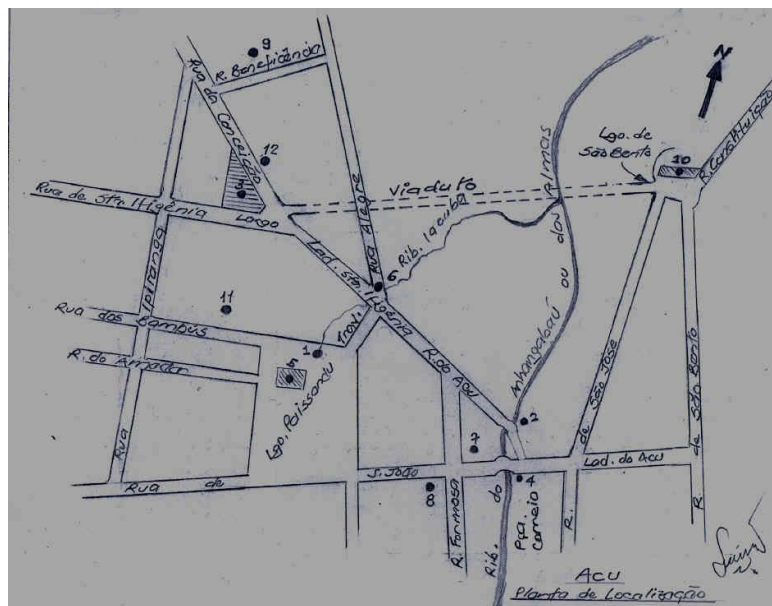


Fig 1 . O Acu – 1) Nascente do Jacuba e Tanque do Zuniga 2) Travessa e ponte do Seminário 3) Igreja de Sta. Ifigênia 4) Ponte do Marechal 5) Igreja de N. S. do Rosário 6) Bica do Acu 7) Hospital Real Militar, Seminário N.S. Glória e Correio 8) Mercado de São João 9) Beneficência Portuguesa 10) Mosteiro de São Bento 11) Igreja Luterana Martin Luther 12) Edifício de A Gazeta.-

É preciso esclarecer que, anteriormente, existiu outra Rua Capitão Salomão, junto à Praça da Sé (antes rua da Esperança), ambas em homenagem ao Capitão José Agostinho Salomão da Rocha, herói nos combates de Canudos.

A Ladeira do Acu, com 60 palmos de largura segundo Nuto Santana, era o início da Rua de São João.. Mais adiante um pouco, para a travessia do ribeirão do Anhangabaú, havia a Ponte do Acu, ainda estreita nos primórdios do

século 19, por onde passava o trânsito para a Ladeira de Santa Ifigênia, pela Rua do Acu. Era o conhecido Caminho do Acu.

Nos meados do século 19, foi aberta a Rua Formosa que iria ligar o Acu com o Piques, este na Ladeira de São Francisco e local de estacionamento de carros e de animálias. Para a direção norte, atual Santana, o trajeto era pela Ponte do Acu, daí, pela Rua Alegre. Era o Caminho do Guaré.

Por este tempo, a Travessa do Seminário, antes chamada de Beco do Sapo, ligava a Rua do Seminário à de São João e era servida, também, por pequena ponte, certamente para pedestres. Conforme Vieira Bueno, este nome se devia ao ruído noturno dos batráquios que viviam nas vizinhanças da Ponte do Acu.

Na margem direita do Anhangabaú, ou seja, do lado do centro da cidade, na confluência das ruas de São João com a de São José, hoje Rua Líbero Badaró, este Beco do Sapo, equipamento da Câmara, servia de depósito de lixo. Daí a primitiva denominação de “ponte do cisqueiro” para a Ponte do Marechal.

Por indicação do governo provincial, em 1836, foi colocado um portão “para servidão pública junto à primeira casa da Rua Nova de São José” no “Campo onde hoje estão situadas as ricas freguesias de Santa Ifigênia, Santa Cecília e Consolação. Toda a chamada Cidade Nova” (RIBEIRO, José Jacinto. *Cronologia Paulista I*, p. 418).

Ainda na metade do século 19, vários locais do Acu tiveram seus nomes alterados, assim a Rua do Acu toma o nome de Rua do Seminário das Educandas. A atual Rua Aurora, assim denominada desde 28 de novembro de 1865, quando aberta em 1810 se chamava Rua de Santo Elesbão, uma homenagem a um dos oragos da igreja de Santa Ifigênia. Assim, também, a Rua Bela se tornou Rua Timbiras em 1885. A Rua do Cemitério, depois Rua Triste, se firmou como Rua da Conceição, sendo hoje, Avenida Cásper Líbero.

Serão, a seguir, mencionados alguns logradouros e equipamentos urbanos, bem como instituições que, igualmente, vem sendo merecedores de destaque para a crônica do local.

Largo de São Bento

Neste largo, em 1598, pelos ofícios de Frei Mauro Teixeira em nome de seu superior na Bahia, foi levantada uma capela, tendo por orago N.Sa. do Monte Serrate, nas datas de terra concedidas pela Câmara de São Paulo aos monges beneditinos, onde se consolidou o “convento do patriarcha São Bento”.

À época da concessão, o caminho para o norte da cidade foi fechado junto a este largo o que, possivelmente, obrigou o trânsito a se desenvolver pelo Acu, tornando-se conhecido o Caminho do Guaré.

Em meio a uma carta de certificação passada pela vereança de São Paulo aos monges beneditinos em 9 de julho de 1630, tem-se:

“... E assim nos consta mandaram os officiaes da Camara mudar n'aquelle tempo o caminho do Guarepe que pelo sitio passava por não devassar os religiosos...”

Em 17 de janeiro de 1650, o Convento celebra um contrato com o bandeirante Fernão Dias Paes para a construção de novas instalações no local onde, até hoje se acha o atual Mosteiro, ou seja, nas terras “ que iam desde a ponte do Anhangabaú, pela estrada de Nossa Senhora da Luz até a aguada do Acu.”(Barros Ferreira, *o nobre e antigo bairro da Sé*, p. 54).

Hoje, é imponente a atual arquitetura do mesmo, harmonizando os estilos gótico, bizantino e romano.

Neste mesmo local, anteriormente, estivera assentada a aldeia de Tibiriçá.

Largo de Santa Ifigênia

Consta que, em 1720, a Irmandade de Santo Elesbão e Santa Ifigênia erguera uma simples capela na junção das ruas posteriormente denominadas de Conceição e de Santa Ifigênia.

Somente em 1795 foram instaladas, naquela igreja, as imagens de Santo Elesbão e de Santa Ifigênia e a primeira missa, então foi rezada . É provável que, a partir daí, o local tenha passado a se denominar Largo de Santa Ifigênia. Como largo, passou a servir também de estacionamento para os carros de boi que demandavam o Acu.

Em 21 de abril de 1809, a região toda é oficializada como Freguesia de Santa Ifigênia e este templo se torna Matriz da Imaculada Conceição de Santa Ifigênia. Na segunda metade do século 19, no Largo já estava funcionando o Colégio Moretzsohn.

Em 1912, o templo local já se apresentava como uma nova construção. Quando em 1911, a velha Catedral foi desativada e demolida, a Igreja de Santa Ifigênia assumiu a especial função de Catedral provisória. Assim foi ela até à inauguração da atual Sé, em 1954.

Durante o movimento armado de 1924, foi ela atingida por diversos tiros, cujas marcas, até hoje, são visíveis no lado da Avenida Casper Líbero.

Com a inauguração, em 26 de julho de 1913, do Viaduto Santa Ifigênia, obra do engenheiro italiano Julio Micheli, ficaram, assim, ligados, por esta obra, os Largos de São Bento com o de Santa Ifigênia.

Pontes

A Câmara de São Paulo, em 1735, providenciara uma pequena ponte de 4 palmos que foi instalada na Rua Alegre, sobre o ribeiro Acu e que, certamente, só servia para viandantes e cavaleiros.

A Ponte do Marechal, ali no Acu, sobre o ribeirão do Anhangabaú, foi construída por volta de 1787, de pedra já, pelo marechal de campo Frei Raimundo Chichorro da Gama Lobo. Por ela, foi feita a integração entre as freguesias da Sé e de Santa Ifigênia.

Em 7 de abril de 1831 passou a se chamar Ponte da Abdicação, por este fato histórico. Para o viajante Saint-Hilaire, era ela a mais formosa delas.

Em sua história, sempre necessitou ela de grandes reparos, pois o trânsito pesado de boiadas, carros de bois e tropas, assim como também as chuvas, lhe causavam freqüentes estragos.

Durante os anos de 1852 e 1853, foi ela totalmente refeita, após sua inteira destruição pelas águas abundantes do Anhangabaú em 1851. Passou ela a se chamar então Ponte do Acu.

O mapa da cidade, de 1877, mostra também, uma ponte para pedestres, na Travessa do Seminário, junto à Ponte do Acu, para a travessia da Rua de São João.

Largo Paissandu

Dentro das terras no Acu que, no século 18, pertenciam ao sargento-mor Manoel Caetano Zuniga, havia um trecho onde diversas aflorações de água formavam lagoas. A maior delas, com cerca de 30 cm de profundidade, mais tarde, vai ficar conhecida como “tanque do Zuniga”.

O local ficara caracterizado pela presença das lavadeiras que, diariamente, se serviam dessas águas para seus trabalhos.

Ali nascia, também, o riacho Iacuba, já mencionado.

Em 1813, por ato da Câmara de São Paulo, este largo passou a se denominar Praça das Alagoas. Há menções, igualmente, dessa praça, como largo do Zuniga.

Ela se formava pela confluência das ruas de São João com as do Meio (Rua Amador Bueno), do Tanque (1º quarteirão da Rua dos Bambus dentro da praça) e da Travessa Paissandu.

Alguns melhoramentos para esta praça foram propostos pela Câmara, em 1849, a fim de atender ao crescente problema de abastecimento de água no centro da cidade. Dentre as diversas oficializações de nomes de logradouros, em 1865, essa praça recebeu, então, o nome de Largo Paissandu, bem certamente pelos fatos ainda recentemente ocorridos naqueles dias da Guerra do Paraguai.

Tendo a cidade caminhos estreitos e sem acostamentos, os largos se tornavam, invariavelmente, o lugar para o estacionamento dos carros de boi.

Assim foi, também, o Largo Paissandu. Logo mais, a amarração de animais diante das portas e das esquinas, ficaria proibida.

O Largo vinha mudando de função e, ali, na metade do século 19, um restaurante e uma quadra para jogos de bolão (Kegelbahn) tinham sido montados já por Carlos Frederico Schaefer, reunindo alemães da cidade. Escolas como o Colégio Ipiranga e outros se estabeleceram também no Acu destes tempos.

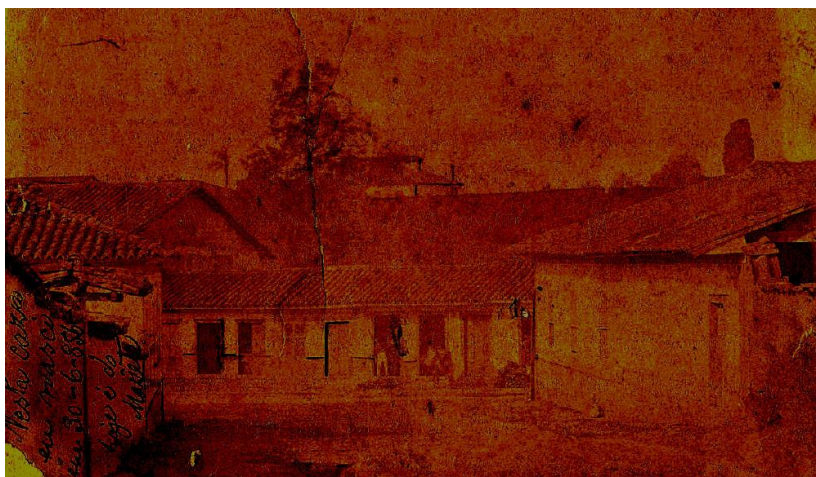


Fig. 2 – Vista da Travessa Paissandu (Rua Cap. Salomão) tendo, ao fundo, a construção mais alta, o Seminário das Educandas e um dos vários coqueiros ali existentes junto à Ponte da Abdicação, por volta de 1870. Acervo Família Schaefer

Nas últimas décadas desse século, então, o paulistano começa a conhecer o esporte e a vida noturna, fazendo surgir, no Acu, mais requintados restaurantes e hotéis e uma antiga pista de patinação vai ceder lugar ao Moulin Rouge e ao Teatro Avenida quando chega o século 20.

A nova Igreja de N.S. do Rosário dos Homens Pretos foi construída neste local, em 1906, ocupando, hoje, o centro do Largo. A anterior se achava no Largo do Rosário, agora Praça Antônio Prado.

Com lojas e tantos carros ali estacionados, de dia, o largo era dado ao comércio, em tudo como a Avenida São João.

À noite, com hotel, restaurante, casa de espetáculos e com o cinema chegado mais tarde, o largo convidara sempre à boemia, à arte, à devassidão também, como diz o cronista Paulo Florençano.

Os encontros, a prostituição transformavam a função pacata, ordeira do local, fornecendo uma característica para os visitantes na São Paulo noturna, de chapéu e cachecol, agasalhados nos seus sobretudos de casimira.

Esta fama do Largo no século 20, à noite, vinha já dos séculos anteriores.



Fig. 3 – Largo do Paissandu. Local das nascentes cujas águas desciam agora pela Travessa Paissandu em direção ao Anhangabaú, pelo centro e acima na figura.
Foto S. Weber/2010

Bica do Acu

Desde o último quartel do século 18 se tem notícia de uma bica situada na junção da Rua Alegre com a Ladeira de Santa Ifigênia, cruzamento este, às vezes, chamado de largo do Acu, em frente à residência do brigadeiro Tobias de Aguiar.

A Câmara de São Paulo registrou vários reparos na mesma, nessa época. Um “bico de pena” de Clovis Graciano (SILVA BRUNO, 1954, p. 627) mostra que um corte transversal no solo irregular facilitava a captação de água nesta bica.

No “Mappa da Capital da Província de São Paulo”, de 1877, de, praticamente, um século depois, ainda se pode ver, em destaque, este ponto de abastecimento em pleno Acu, naquele trecho onde, mais acima, várias outras nascentes existiam.

Um dia, depois de servir à população por séculos, ela passou a correr, canalizada, sob o asfalto e se tornou história.



Fig. 4 – Local onde se acha canalizada a Bica do Acu. Esquina da R. Brigadeiro Tobias com a R. do Seminário. Foto S.Weber / 2011.

Praça do Correio

Em 20 de outubro de 1922 foi inaugurado o prédio do Correio, da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (EBCT), projetado por Ramos de Azevedo. Foi ele construído em terreno onde, antes, havia o Seminário das Educandas.

Em 1797, neste local, se construiu o Hospital Militar.

Ali, então, se formou a Praça do Correio, hoje integrada com a Praça Pedro Lessa, no Vale do Anhangabaú e também com a Praça Giuseppe Verdi quando, em 1941, foi derrubado o prédio da Delegacia Fiscal.

Hospital Real Militar

É desativado o Hospital Militar em 1831. Fora ele construído entre 1797 e 1802, em grande terreno situado na esquina da Rua de São João com a Rua Formosa e a Rua Nova do Acu que, mais tarde, vai se tornar Rua do Seminário das Educandas.

Nele se instala, então, o Seminário das Educandas de Nossa Senhora da Glória.

Seminário das Educandas de N.Sa. da Glória

Transferido para o prédio do antigo Hospital Real Militar, este Seminário, vindo da Chácara da Glória, educava meninas pobres de famílias de militares. Fora ele fundado em 1825 pelo presidente da província Lucas Antônio Monteiro de Barros para fornecer, além do ensino, assistência médica e espiritual à cerca de 50 alunas.

Pelo precário estado das instalações, por diversas vezes, tiveram elas de abandonar, provisoriamente, estes endereços.

Foi criticado por suas diversas deficiências durante toda a sua existência. Desviado de seus objetivos iniciais de formar professoras primárias, esta instituição tentou formar domésticas o que apressou o seu desaparecimento no fim do século 19.

Nesta Rua Nova do Acu, na Ladeira de Santa Ifigênia, nº 2, residia, desde a década de 1840, o já mencionado Carlos Frederico Schaefer com sua família. Neste endereço, no ano de 1862, em parceria com seu futuro genro e trazendo do sul um famoso mestre-escola, montou uma sala de aula primária dita como a pioneira sala de escola alemã na cidade de São Paulo.

Igreja Evangélica Luterana de São Paulo

Em 14 de abril de 1907, durante o período dos pastores Bauer e Teschendorf, com a participação de 250 pessoas, foi lançada a pedra fundamental da Igreja Evangélica Luterana em São Paulo, a atual Igreja Martin Luther e, durante as festividades do Natal de 1908, foi inaugurado este templo na atual Avenida Rio Branco.

Esta sociedade fora fundada em 1891 como reformulação de uma anterior de 1º de outubro de 1871. Após 17 anos, realizavam os luteranos este sonho de se reunirem em local próprio para seus cultos, suas obras sociais.

Sua arquitetura gótica é obra rara no Brasil.

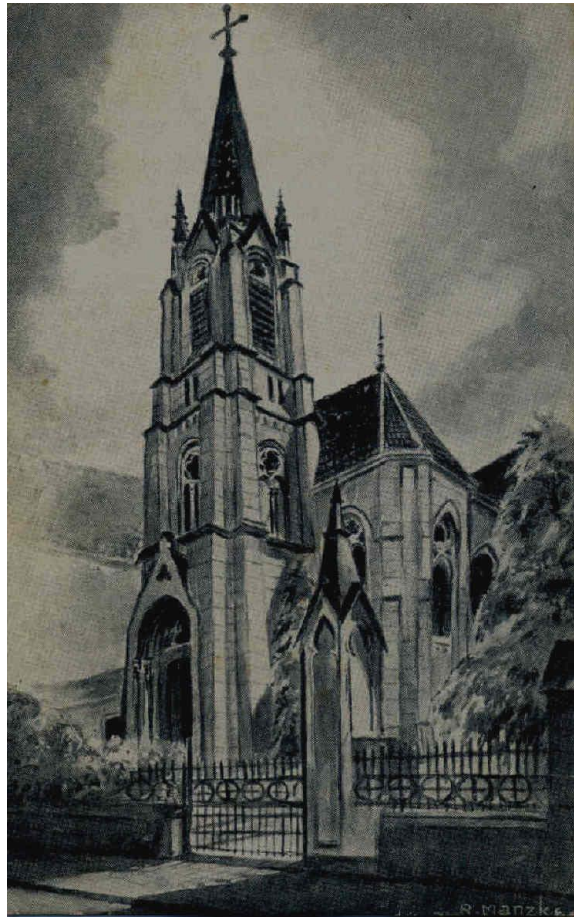


Fig 5 – Vista da igreja no ano de sua inauguração. Aquarela de R.Manzke. Cartão-postal da Igreja Evangélica de São Paulo -1908. AIELSP. A partir de 2011, este templo está sendo totalmente restaurado.

Hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência

Situou-se, inicialmente, no quarteirão formado pelas ruas Alegre, Beneficência Portuguesa, da Conceição e Barão de Piracicaba.

A pedra fundamental do mesmo foi lançada em 28 de maio de 1873, sendo inaugurado em 20 de agosto de 1876 como Hospital São Joaquim, fruto de doações de inúmeros nomes proeminentes da cidade.

A Sociedade fora fundada em 1859 pela idéia de dois moços do comércio: Luís Semeão Ferreira Viana e Joaquim Rodrigues Salazar. Ele aparece, pela

primeira vez, no “Mappa da Capital da Província de São Paulo”, de 1877 e ainda nas Plantas da Cidade, de 1881 e 1890.

Em 1886 é ele visitado pelo Imperador D. Pedro II e, em 1900, o Rei Carlos I, de Portugal, concede à Sociedade o título de Real e Benemerita Sociedade Portuguesa.

O seu novo prédio foi inaugurado em 1957, à rua Maestro Cardim que, a partir desta data, mantém curso gratuito em sua Escola de Enfermagem São Joaquim e se notabilizou pelos transplantes de coração e fígado.

A Sociedade, em 2007, inaugurou mais uma unidade, o Hospital São José e, em 2009, festejou seus 150 anos de existência.

Mercado São João

Em frente ao prédio que servira ao Seminário das Educandas foi inaugurado, em 30 de junho de 1890, o Mercado de São João que também se tornou conhecido popularmente como Mercado do Acu.

Este equipamento municipal substituíra os conjuntos de pequenos estabelecimentos existentes de há muito tempo nas ladeiras da cidade para comerciar o essencial para a alimentação e que se tornaram conhecidos como *Casinhas*.

As primeiras delas tinham surgido por volta de 1773. Quando precisaram ser demolidas, em 1797, algumas casas do capitão Antônio Álvares Reis, no Acu, foram, então, usadas, por algum tempo, para este comércio. A partir deste fato, vai este local se tornar mais conhecido e, depois, citado pela crônica paulistana. Auguste Saint-Hilaire talvez tenha sido o primeiro observador a descrevê-las em 1819.

Depois disto, em 1835, foram construídas *casinhas* também junto à Ponte do Acu, para a venda de peixe e quitandas.

A Gazeta

O vespertino A Gazeta, tido como o jornal mais rapidamente e bem impresso do Brasil, apareceu em São Paulo em 1918, tendo como proprietário o bacharel bragantino Cásper Líbero.

A famosa Corrida de São Silvestre, acontecida pela primeira vez em 31 de dezembro de 1925, é fruto do espírito cidadão desse jornalista.

Partia ela da rua da Conceição, n. 6 em frente à sede do jornal, pouco antes da última meia-noite do ano.

A Gazeta Esportiva, surgida em 1928, tornou-se o veículo mais completo das atividades esportivas, fossem elas profissionais, militantes ou amadoras.

Em 1939, foram inauguradas as instalações próprias dessa empresa jornalística em edifício tecnicamente planejado, na esquina da Rua da Conceição

com a Rua Cel. Batista da Luz, com oito andares, para todas as suas atividades, talvez o primeiro do gênero no país.

Dotado de equipamentos de última geração, esse vespertino dispunha até de clichéria própria para poder publicar suas fotos de arquivo ou das reportagens. O jornal oferecia uma edição a cores, com cabeçalho em vermelho, fato singelo no jornalismo de São Paulo. Estas edições, somente em dias úteis, saíam antes das 14:30 horas, leves, de bolso e populares.

Fato pouco divulgado é sobre as sereias de A Gazeta que, diariamente, anunciavam o meio-dia para todo o centro da cidade. Elas soavam ao nascer do Ano-Novo, ao fim da Corrida de São Silvestre e igualmente anunciaram o fim da Segunda Guerra Mundial, em maio de 1945, emocionando e paralisando a cidade.

Essas sereias, montadas na cobertura do prédio, se tornaram uma referência na história do tempo paulistano como o carrilhão do Mosteiro de São Bento. Como ícones sonoros, faziam coro com as das indústrias paulistanas, reforçando o orgulho da cidade em viver também sua era industrial como o maior centro continental.

Instalada nos últimos andares do edifício mencionado, a Rádio Gazeta (PRA-6 – 890 Khz), emissora AM, surgiu em 15 de março de 1943, ocupando a frequência da antiga e estatal Rádio Educadora Paulista, naqueles dias já fora do ar por algum tempo.

Funcionou, em suas primeiras décadas, com o aposto de *Emissora de Elite*.

Um dos programas mais marcantes de sua personalidade, em horário nobre, foi o "Soirée de Gala Coty", audição ao vivo, de música lírica, com auditório lotado, apresentado pelos, na época, conhecidos locutores Eli Lacerda e César Abrahão, prestigiando cantores nacionais como Assis Pacheco, Agnes Ayres e tantos outros mais, acompanhados pela Orquestra PRA-6, sob a batuta do maestro Armando Belardi.

Um restaurante localizado no alto do edifício e um salão de festas contíguo eram o Roof, ponto de eventos, de encontro da intelectualidade paulistana, recebendo sempre os grandes visitantes da cidade. Ali acontecia o mais comentado "réveillon" daqueles anos do pós-guerra.

O centro do Acu viveu toda esta história e, hoje, o edifício da Avenida Cásper Líbero, totalmente restaurado, é o testemunho desse fato.

Final

Hoje, os limites da cidade já estão bem longe deste núcleo que foi o Acu. No século 19, este recanto se inseriu definitivamente no contexto urbano,

ligado, como vimos, em todas as direções, deixando de ser “mais um subúrbio pobre do que um prolongamento real da cidade”.(Teodoro Sampaio)

O misterioso e discutido alemão Julius Frank, minuciosamente biografado por Afonso Schmidt e pelo jornalista Friedrich Sommer, por volta de 1833, trazido para São Paulo por seus alunos sorocabanos, com eles conheceu o Acu como Cidade Nova e acabou morando ali.

Nesses dias, esse alemão ouviu de seu discípulo Antônio Ourique a seguinte observação:

“Isto tudo é muito feio, mas quando a gente chega a conhecer acaba por gostar. Há mesmo os que nunca mais deixam esta cidade, e os que um dia se vão passam a vida inteira com saudades.” (Afonso SCHMIDT, *A sombra de Júlio Frank*, p 213).

Depois de viver tantas adversidades apesar de professor muito querido, não sendo católico, foi Julius Frank, em 1841, enterrado por seus alunos no pátio da Faculdade de Direito de São Paulo, no Largo de São Francisco.

No século 20, pelo Largo Paissandu, o Acu se agrega mais à vida noturna – à vida do teatro e, mais ainda, do cinema – a exemplo da Avenida São João - à qual fora este sempre integrado.

A partir de 1945, o Acu vai se tornando o pólo comercial varejista mais procurado do país – o da Eletrônica, da Eletrotécnica e da Informática concentrado, inicialmente, na Rua Santa Ifigênia e, posteriormente, se espalhando para as suas travessas.

Fontes Consultadas

LIVROS

AZEVEDO MARQUES, Manuel Eufrásio de. *Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo*. São Paulo: Martins, 1952. 474 p. tomos I e II. Biblioteca Histórica Paulista.

BARRETO DO AMARAL, Antônio. *Dicionário de História de São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. 661 p. vol. XIX. Coleção Paulista.

BARROS FERREIRA, *o nobre e antigo bairro da Sé*. São Paulo: PMSP, 1971. 158 p. História dos bairros de São Paulo.

GERODETTI, João Emílio, CORNEJO, Carlos. *Lembranças de São Paulo. A capital paulista nos cartões-postais e álbuns de lembranças*.

LEMONS BARBOSA, A. Pe. *Pequeno vocabulário Tupi-Português*. Rio: Livraria São José, 1955. 202p.

SCHMIDT, Afonso. *A sombra de Júlio Frank*. São Paulo: Antigos Alunos, 2008. 303p.

SILVA BRUNO, Ernani. *História e Tradições da Cidade de São Paulo*.

Rio: José Olympio, 1954. 1.541 p. vol I, II e III.

SOMMER, Friedirich. *Wahrheit und Dichtung um Julius Frank (1808-1841)*.(*Verdade e Poesia sobre Julius Frank*).São Paulo: Deutsche Zeitung, 1933. 13p.

WEBER, Sérgio. *O Rádio por dentro e por fora – Memórias*.São Paulo: Inédito, 2001, 22p. (Manuscritos).

MAPAS

COMISSÃO DO IV CENTENÁRIO DA CIDADE DE SÃO PAULO. *São Paulo Antigo. Plantas da Cidade*. São Paulo: Melhoramentos, 1954.

1. Planta da Cidade de São Paulo (1810). Engenheiro Rufino José Felizardo e Costa.
2. Mapa da Cidade de São Paulo e seus Subúrbios, não datada e assinada pelo engenheiro Carlos Abraão Bresser. Feita por ordem do presidente Manoel da Fonseca Lima e Silva.
3. Planta da Cidade de São Paulo (1868)
4. Planta da Cidade de São Paulo levantada pela Companhia Cantareira e Esgotos (1881). Engenheiro Henry B. Joyner – M.I.C.E.
5. Planta da Capital do Estado de São Paulo e seus arrabaldes (1890). Desenhada e publicada por Jules Martin.

SILVA BRUNO, Ernani. *História e Tradições da cidade de São Paulo*.Rio: José Olympio, 1954.

1-Planta da Imperial Cidade de São Paulo (1810). Com Alterações (1841). Pelo Cap. Engenheiro Rufino J. Felizardo e Costa. Vol. I.

2-Mappa da Capital da Província de São Paulo, seus Edifícios públicos, Hoteis, Linhas férreas, Igrejas, Bonds, passeios, etc, publicado por Francisco de Albuquerque e Jules Martin em julho de 1877. Desenhista Francisco Sarsori, Cadastro Municipal. Cia. Melhoramentos de São Paulo – 1954,.Vol. II.

GUIA LEVY, Guia de ruas. Planta da cidade de São Paulo. Mapas de 1970, 1974 e 1980.

E-TEXTOS

BENEFICÊNCIA PORTUGUESA DE SÃO PAULO. Disponível em <http://bpcsp.org.br>. Acesso em 20/08/2012 - 20:17h

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA- PMSP. *Dicionário de Ruas*.Disponível em < [http //dicionarioderuas](http://dicionarioderuas)> Acesso em 23/01/2012.

WIKIPÉDIA. Acesso em 14/03/2012 – 15:27 h.